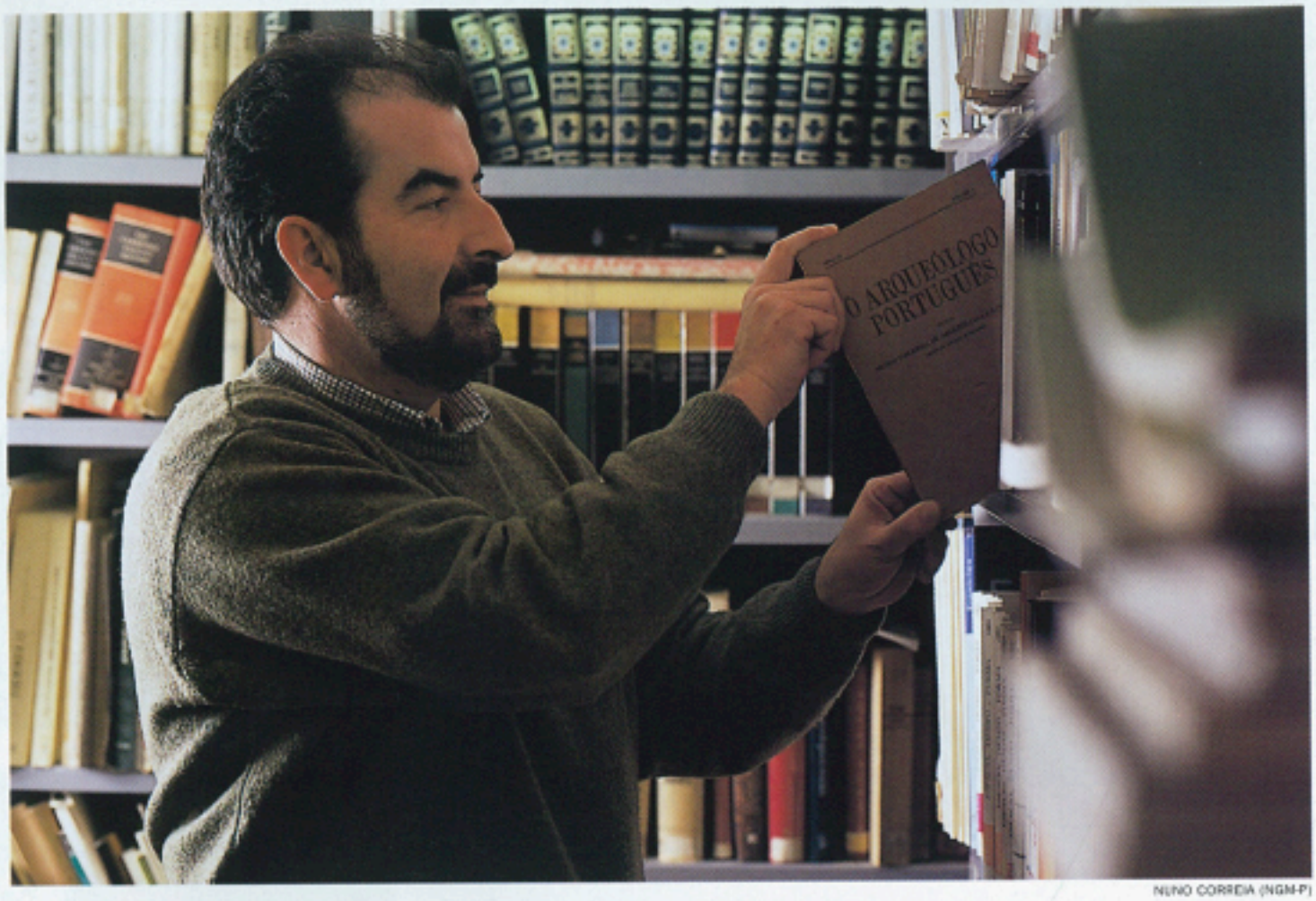

NUNO CORREIA (NGM-P)

FICHEIROS SECRETOS: CARLOS FABIÃO

A Arqueologia Real

Na vida de Carlos Fabião, a opção pela arqueologia foi precoce. Em pequeno, a leitura da descoberta do famoso túmulo de Tutankhamon despertou o fascínio pela dimensão aventureira da História. Uma visita posterior à citânia de Briteiros, no Norte de Portugal, colocou o então jovem estudante no trilho da licenciatura em história e posteriormente do doutoramento em arqueologia.

Paradoxalmente, Carlos Fabião assume hoje a necessidade de refazer a imagem da arqueologia contemporânea. "As pessoas imaginam que o trabalho da arqueologia se esgota no momento da descoberta, de preferência escavando objectos imaculados, ao jeito do Indiana Jones", ironiza este professor do Departamento de História da Faculdade de Letras de Lisboa. "A arqueologia faz-se essencialmente antes e depois da descoberta. Em rigor, a descoberta é a interpretação", acrescenta o consultor de arqueologia da NGM-Portugal. Carlos Fabião tem motivos para lançar este alerta. A taxa de desistência nos cursos de arqueologia é elevada, essencialmente "porque as expectativas dos alunos não correspondem à realidade".

Para este arqueólogo, que se divide entre o período romano e a história da própria arqueologia em Portugal, "a maior parte das descobertas de campo nem são fotografáveis". Ironicamente, essa poderia ter sido uma das razões a levar o então estudante de licenciatura a optar pelos estudos pré-históricos, "de longe a área que tinha então a investigação mais significativa". No entanto, a influência do orientador João de Castro Nunes e a assimilação da riqueza do período romano fizeram pender Carlos Fabião para uma área na qual "há muito por fazer ainda em Portugal".

Almodôvar tem sido a sua área de intervenção. Na vila alentejana, Carlos Fabião realiza campanhas anuais desde 1988 integrado num projecto de valorização e conservação do património local. "O projecto foi-me proposto, e ao meu colega Amílcar Guerra, depois de um "bulldozer" ter destruído parte de um sítio arqueológico. Não podíamos recusar." Agora, enquanto criam condições para inaugurar o museu, os dois arqueólogos vão interpretando os dados recolhidos e gizando hipóteses sobre a alimentação e o comércio de bens naquele local durante o período romano. Sem a luz dos holofotes e sem a poeira das descobertas opulentas, a arqueologia também se faz assim…